

# Midiatização, a terceira descontinuidade do jornalismo

Demétrio de Azeredo Soster  
Universidade de Santa Cruz do Sul

## Índice

1. Um momento diferenciado	4
2. Era mesmo um avião?	5
3. A interpretação do acontecimento	9
4. Referências Bibliográficas	10

## Resumo

O jornalismo se encontra em meio a uma nova descontinuidade, tão ou mais importante que as representadas pela invenção da rotativa (1850) e a informatização (1970), na classificação proposta por Marcondes Filho. A face mais visível deste que consideramos um novo momento evolutivo da atividade é o fato de dispositivos jornalísticos-comunicacionais, uma vez operando em rede, também serem afetados pela midiatização, da qual são vetores, midiatizando-se e estabelecendo seus diálogos principalmente por meio de fluxos. Quando isso ocorre, quando o jornalismo se midiatiza, instaura-se uma nova ambientação no campo, complexificando uma lógica evolutiva com pelo menos 300 anos de tradição.

Este texto parte do pressuposto que o jornalismo, em especial a partir do momento

em que a internet<sup>1</sup>, por meio de seus nós e conexões, passa a amalgamar o aparato midiático-comunicacional, encontra-se em um momento evolutivo diferenciado; tão ou mais impactante que a invenção da rotativa (1850) e a informatização (1970), na sistematização proposta por Marcondes Filho<sup>2</sup> (2000). Isso porque a *web* se estabelece neste contexto antes como um *medium*<sup>3</sup> que um suporte; o que acaba por complexificar substancialmente formas, processos e gramáticas de uma profissão com pelo menos 300 anos de tradição; processo que é acrescido, como apontou Pavlik (2005), por forças reguladoras de natureza econômica e cultural. A este momento evolutivo daremos o nome de terceira descontinuidade do jornalismo, considerando que a invenção da rotativa e a informatização representam as duas de-

<sup>1</sup>Utilizaremos internet como sinônimo de web, em referência à World Wide Web.

<sup>2</sup>O autor chama estes momentos evolutivos de “revolução”.

<sup>3</sup>*Medium* no sentido atribuído por Régis Debray, onde ele se distingue de meio, o elemento que, pelo viés da uma organização social, condiciona a “semântica dos vestígios”. “Vamos chamar de *medium*, no sentido pleno, o sinal dispositivo-suporte-procedimento, ou seja, aquele que organicamente é posto em movimento por uma revolução midiológica”. (DEBRAY, 1995: 23-26)

scontinuidades anteriores. Descontinuidades serão aqui entendidas como as grandes rupturas, ou os “saltos”, que se verificam ao longo da existência dos fenômenos na sociedade (MAZLISH, 1995), mas que, por outro lado, se inserem em um processo evolutivo.

Antes mesmo de entendermos o que significa esta nova descontinuidade do jornalismo, e suas complexificações, é preciso observar que ela se torna mais visível por meio da midiatização. O fenômeno da midiatização, ainda de fronteiras pouco delimitadas<sup>4</sup>, representa a instituição de novas ambientações a partir de uma imersão sócio-tecnológica profunda da sociedade. Ou, por outras palavras, o momento que a sociedade passa a perceber e se percebe de forma mais aguda por meio de seus dispositivos de natureza sócio-técnica, mas também discursiva, que acabam por transformara tecnologia em meio, o que caracteriza o processo de midiatização.

Neste sentido, defendemos a tese que a midiatização se estabelece na sociedade com mais ênfase a partir do momento em que esta passa a dialogar em rede, estabelecendo matizes simbióticas à interação homem-máquina. Ou seja, no período evolutivo em que as máquinas, por meio de suas operações e estando interconectadas, deixam de ser um mero suporte à atividade humana e se estabelecem relaciona-

<sup>4</sup>A midiatização, enquanto conceito, encontra-se diluído “em meio a resquícios de conceitos fundadores das teorias da comunicação e naqueles que não estão reunidos nas fronteiras clássicas deste estudo”. Surge usualmente associado a expressões significativas como dispositivo, ambiente, máquina, operador, sujeito, processos midiáticos entre outros. (FAUSTO NETO, 2006: 1)

mente com esta em termos de processualidade, reconfigurando uma nova ecologia comunicacional. “Noutras palavras, a midiatização é a chave hermenêutica [deste momento evolutivo] para a compreensão e interpretação da realidade”. (GOMES, 2006: 121)

Deslocando a perspectiva analítica-conceitual especificamente para o campo do jornalismo, propósito deste artigo, observaremos que a prática também é afetada a partir do momento em que a midiatização da sociedade se estabelece. Se isso se dá desta forma é porque seus dispositivos<sup>5</sup> – jornais impressos, revistas, rádios, televisões, webjornais e blogs; no que eles têm de jornalístico –, que também são agentes da midiatização, acabam por se midiatizar. Este fenômeno pode ser mais visivelmente percebido quando estes mesmos dispositivos passam a estabelecer seus diálogos processuais cada vez mais entre seus pares, deslocando de importância seu entorno. Ou quando os papéis de emissão e recepção se mostram insuficientes para explicar as operações do jornalismo. Ou, ainda, e com tudo o que isso possa vir a significar, quando parece retirar da notícia, nos moldes que a concebemos originalmente, sua centralidade no processo jornalístico-comunicacional.

Se isso se dá desta forma; se lugares secularmente instituídos se complexificam com a midiatização do jornalismo, é em decorrência do fato de ele passar a operar em

<sup>5</sup>Dispositivos serão aqui entendidos como mediações que contemplam aspectos situacionais e tecnológicos, mas também “(...) discursivos, normativos, simbólicos, funcionais e referenciais que incidem nas interações, no tempo e espaço propiciadas pela conexão de suportes tecnológicos (FERREIRA, 2003: 89-90).

uma lógica substancialmente distinta do que vinha ocorrendo até então, porque baseada em fluxos, neste caso fluxos de informação.

Fluxos não representam apenas um elemento da organização social: são a expressão dos processos que *dominam* nossa vida econômica, política e simbólica. Neste caso, o suporte material dos processos dominantes em nossas sociedades será o conjunto de elementos que sustentam esses fluxos e propiciam a possibilidade material de sua articulação em tempo simultâneo. (...) há uma nova forma espacial característica das práticas sociais que dominam a moldam a sociedade em rede: o espaço de fluxos. O espaço de fluxos é a organização material das práticas sociais de tempos compartilhado que funcionam por meio de fluxo. (CASTELLS, 2003: 501)

Ainda que o olhar de Castells recaia principalmente sobre perspectivas de natureza sócio-econômica, observe-se que a organização a partir de fluxos representa um modelo próprio da Sociedade da Informação. Ou seja, de uma sociedade que se assenta sobre um paradigma de natureza tecnológica<sup>6</sup>, que se personifica principalmente pela presença de redes telemáticas e pelo fluxo de informações; cuja tradução, como apontou Cohn (2001), ocorre principalmente pelo ângulo dos processos de produção e circulação de sentido, que requer conceituação.

<sup>6</sup>A mudança contemporânea de paradigma pode ser vista como uma transferência de uma tecnologia baseada principalmente em insumos baratos de energia para uma outra baseada principalmente em insumos baratos de informação derivados do avanço da tecnologia em microeletrônica e telecomunicações (CASTELLS, 2003: 107)

Niklas Luhmann (2005) circunscreve o conceito de sentido em uma perspectiva sistêmica, afirmando que ele é o meio que permite a criação seletiva de todas as formas sociais e psíquicas, ou experiências. Torna-se, desta forma, a condição para a elaboração da experiência, por meio da qual o sentido irá ele próprio se reproduzir e atualizar. Desta forma, o sentido empresta forma às experimentações dos sistemas sociais e psíquicos à medida que as comunicações e os pensamentos se realizam com base nele, tornando-se indispensável às operações dos sistemas, por permitir a redução e a manutenção simultâneas da complexidade<sup>7</sup>.

Sob esta perspectiva, sentido é parte fundamental da racionalidade humana e surge a partir do momento em que formas específicas de realidade (como, por exemplo, o sistema das máquinas e o sistema social; dos homens) entram em contato e são afetados de alguma forma por esta interação, criando *exprimíveis*<sup>8</sup>. Com base nestas ponderações, para fins deste trabalho, entenderemos sentido como o efeito de realidade resultante das operações do próprio sistema, o que tam-

<sup>7</sup>“Os sistemas sociais para Luhmann têm a função de captar e reduzir a complexidade do mundo. Pela formação dos sistemas sociais ocorre uma seleção de possibilidades, com exclusão de outras, permanecendo as excluídas ainda como oportunidades (...) O sistema, conforme Luhmann, é o mediador entre a extrema complexidade do mundo e a pequena capacidade do homem em assimilar as múltiplas formas de vivência.” (LUHMANN, 1997: 12)

<sup>8</sup>Ciro Marcondes Filho (2004), ao propor mais tarde uma releitura da comunicação a partir da tríade sentido, interpretação e sistema, atribui ao pensamento estóico grego a primeira formulação teórica a respeito do conceito de sentido. Trata-se de um atributo que os gregos chamavam de *exprimível*, que difere o objeto de seu significado, sem alterar a natureza do primeiro.

bém nos projeta à necessidade de delimitarmos o que entendemos por realidade antes de prosseguirmos. Realidade, neste caso, representa

(...) um correlato das operações do sistema – e não, digamos, uma qualidade pertencente aos objetos do conhecimento –, adicionalmente àquilo que os distingue como indivíduo ou espécie. Realidade não é nada mais que um indicador de que o sistema foi aprovado ao prestar provas de consistência. Realidade é obtida internamente no sistema pelo fato de ele atribuir sentidos. (LUHMANN, 2005: 23)

Ao movimento que permite a criação de novas ambientações, ou realidades, a partir do fluxo de operações de natureza sistêmica, neste caso a resultante do imbricamento entre os sistemas tecnológico e social, damos o nome de midiatização. Trata-se, segundo Fausto Neto, da “(...) combinatória de conhecimentos e operações estruturadas na forma de tecnologias de informação, que criam novos ambientes e nos quais se produzem novas formas de interações, que têm como referências lógicas processos discursivos voltados para a produção de mensagens” (2006: 9).

## 1. Um momento diferenciado

Concordamos com Giddens (2000), quando afirma que a Sociedade da Informação não é um fenômeno recente; haja vista que ela existe desde pelo menos o surgimento da imprensa e a produção em massa de material escrito. No entanto, há de se observar que, a partir do momento em

que a *web* se torna ela própria um *medium*, tem-se, no jornalismo, uma complexificação substancialmente distinta das que lhe antecederam. Esta complexificação se enquadra naquilo que Bruce Mazlish (1995), em sua tentativa de compreender o período evolutivo da sociedade em que nos encontramos, classificou como “quarta descontinuidade”, caracterizada fundamentalmente pela relação (ele chama de co-evolução) entre os homens e suas máquinas. Mazlish, um historiador, vale-se das palavras de Sigmund Freud e do psicólogo norte-americano Jerome Bruner para construir o conceito de descontinuidade, ligado à forma como o ser humano se percebe no mundo: “A crença que a natureza é um contínuo pode se formular por meio da criação de continuidades ou da eliminação de descontinuidades” (MAZLISH, 1995: 12). Descontinuidades, neste caso, são as rupturas, ou os “saltos”, que se verificam ao longo da existência dos fenômenos naturais na sociedade.

A primeira grande descontinuidade – e aqui Mazlish se vale de um exemplo citado por Freud durante uma série de conferências realizadas por este na Universidade de Viena entre os anos de 1915 e 1917 – contra o “amor próprio” dos homens foi dado por Copérnico, ao dizer que a terra não era o centro do universo, mas apenas um ponto minúsculo deste. A segunda descontinuidade ficou sob responsabilidade de Darwin, que, ao estabelecer a teoria da evolução, destruiu o lugar supostamente privilegiado que o homem ocupara na criação do universo. A terceira descontinuidade seria instaurada pelo próprio Freud, por meio da psicanálise, à medida que esta procura demonstrar que o ego não é sequer o dono de si e deve se contentar com uma escassa infor-

mação a respeito do que ocorre na mente humana.

Ao sugerir a interação homem-máquina como uma quarta descontinuidade – ou um quarto “choque” no ego humano – Mazlish defende duas teses. A primeira delas é que a humanidade estaria começando a romper a descontinuidade representada pela interação homem-máquina à medida que percebe “(...) a própria evolução como inextricavelmente entrelaçado com o uso e desenvolvimento de ferramentas, das quais as máquinas modernas são a última extrapolação. Sendo realistas, já não podemos pensar em espécie humana sem máquinas” (MAZLISH, 1995: 17). Esta transposição da quarta descontinuidade, e eis a segunda tese, representaria, na verdade, o estabelecimento de uma nova continuidade, cuja marca é a simbiose entre os homens e suas máquinas.

Se realizarmos um exercício projetual, e resguardando as perspectivas originais de cada autor, observaremos que a dinâmica de formação do conceito de continuidade/descontinuidade de Mazlish possui semelhanças com a de territorialização/desterritorialização de Haesbaert (2004), a que nos referimos em momentos anteriores de nossa pesquisa. Ou seja, ambas sugerem, cada uma a seu modo, que estamos imersos em uma processualidade onde o surgimento de novos fenômenos diz respeito, antes, a uma lógica operacional específica, do que necessariamente a uma dinâmica de caráter temporal-sucessório (antes-depois). Neste sentido, importaria, principalmente, o transcurso – e sua lógica – que o tempo histórico em que este se dá, ainda que não devamos desconsiderá-lo. Isso de forma que as diferenças – e as semelhanças – entre os conceitos residam, principalmente, no espaço de oper-

ação de cada um, neste caso o “local” em que eles encontram sua materialidade. Sob esta perspectiva, entendemos que as descontinuidades correspondem aos grandes ciclos evolutivos – entre estes os do jornalismo; as desterritorialidades, ao que ocorre em cada um dos momentos destes ciclos.

## 2. Era mesmo um avião?

Retomando o raciocínio inicial, se o jornalismo se encontra imerso, neste momento, em uma nova descontinuidade – a terceira em sua escala evolutiva –; e considerando que esta parece ser distinta das que se verificaram anteriormente, é preciso explicitar a maneira como ela se estabelece. Buscaremos atingir nosso propósito pelo viés da análise do que ocorreu na tarde de terça-feira do dia 20 de maio de 2008, por volta das 17 horas, por meio de uma notícia que circulou pelo aparato midiático eletrônico dando conta da queda de um avião da empresa Pantanal Linhas Aéreas sobre um prédio localizado no bairro do Campo Belos, na cidade de São Paulo. Quem primeiro divulgou a notícia foi o canal de televisão a cabo Globonews, das Organizações Globo, que exibiu imagens ao vivo de uma grossa coluna de fumaça saindo entre os prédios. Na base da tela estava inserido o seguinte texto:

### ■ SÃO PAULO

Avião da Pantanal caiu em cima de um prédio

A notícia irritou o sistema midiático e foi absorvida por este, que fez circular a informação nos instantes seguintes por meio de sites como o como Terra, UOL, Folha Online e iG.

O UOL veiculou a seguinte manchete:

■ **SÃO PAULO**

Avião da Pantanal cai na zona sul de SP, diz TV O Terra, por sua vez, publicou:

■ **NOTÍCIAS**

Ao vivo: avião cai em prédio na zona sul de São Paulo

O site Últimas Notícias, do portal IG, disponibilizou o seguinte enunciado:

■ **NOTÍCIAS**

**Ao vivo: avião cai em prédio na zona sul de São Paulo**

Algo semelhante pode ser dito em relação a outros dispositivos noticiosos, caso do Blog do Noblat<sup>9</sup>, que, às 17h18, abordou o assunto por meio da seguinte matéria:

■ **Globo News**

Cai avião da Pantanal sobre um prédio em São Paulo *Foi na zona sul da capital paulista. Ainda não se sabe se há vítimas, fora a tripulação. A queda foi próxima do aeroporto de Congonhas, segundo a Globo News.*

*O bairro atingido pelo avião se chama Campo Belo. Três carros de bombeiros estão se dirigindo para o local. Não se sabe se apenas um prédio foi atingido.*

*Há um incêndio em um prédio comercial. E agora a infraero diz que ainda não pode confirmar se foi um avião que de fato caiu.*

<sup>9</sup>Disponível em: [www.oglobo.globo.com/pais/noblat/post.asp?cod\\_post=103622](http://www.oglobo.globo.com/pais/noblat/post.asp?cod_post=103622) Acesso em: [5 de maio de 2008]

Não demorou muito, no entanto, e a notícia sofreu uma alteração substancial: o acidente aéreo, na verdade, tratava-se do incêndio em uma loja de colchões. Um dos primeiros a atualizarem a informação, no corpo na notícia original, foi o Blog do Noblat:

Atualização das 17h26 - *Informa a Globo News que o incêndio é em uma loja de colchões da rua Araguaí. Mas ainda não se sabe de fato se foi provocado pela queda de um avião.*

Atualização das 17h27 - *Informa a Globo News que não há mortos nem feridos. A Pantanal desmentiu que tenha caído um dos seus aviões.*

A agência de notícias Reuters disponibilizou, às 17h43, e atualizou dez minutos mais tarde, a seguinte nota assinada pela repórter Tatiana Ramil. Nela, é atribuída à Globonews a responsabilidade pela divulgação do erro.

Incêndio em prédio em SP é confundido com queda de avião *SÃO PAULO (Reuters) - Um incêndio em um prédio em São Paulo causou uma confusão, nesta terça-feira, quando a emissora de tevê a cabo Globonews noticiou que o sinistro teria sido causado pela queda de um avião da empresa regional Pantanal.*

*A Infraero e a companhia aérea negaram a queda da aeronave, enquanto o incêndio foi identificado com fogo em uma loja de colchões na rua Araguari, Campo Belo.*

*Imagens ao vivo da Globonews mostram um prédio em chamas, com colunas de fumaça.*

*Bombeiros da região Santo Amaro, na zona sul, disseram não ter recebido informações sobre o incêndio.*

O site Folha Online, por sua vez, veiculou, às 18h02, matéria<sup>10</sup> assinada pela Central Globo de Comunicação, com o seguinte texto:

Leia nota da Globonews sobre falsa queda de avião em São Paulo

A Globonews, canal pago de notícias da Globo, informou nesta terça-feira que um avião da companhia Pantanal teria caído em um prédio comercial da zona sul de São Paulo. A emissora entrou ao vivo com imagens de um incêndio em São Paulo, informando que a causa era a queda de um avião.

*A emissora não informou a origem do erro, mas se justificou (leia mais abaixo). A Folha Online chegou a anunciar o acidente em um título na homepage, e creditou a informação à Globonews. Nenhuma reportagem com erro foi publicada.*

*A Record News também noticiou o fato, mas usou a expressão “suspeita de queda de avião nas proximidades da av. Santo Amaro”.*

Minutos após a notícia da Globonews, a Pantanal divulgou um comunicado negando o fato, que também foi desmentido pela Anac (Agência Nacional de Aviação Civil) e pelo Corpo de Bombeiros.

O canal pago, após cerca de cinco minutos de transmissão, passou a informar que o incêndio ocorreu em uma fábrica de colchões e que não havia vítimas. Em seguida, a notícia sobre o local do incêndio foi mais uma vez reformulada, para a versão final de que se trata, de fato, de uma loja de tapetes.

<sup>10</sup>Disponível em: [www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u403859.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u403859.shtml) Acesso em: 6 de maio de 2008.

O canal de notícias não revelou a origem da primeira informação.

A matéria se encerrava com a transcrição do conteúdo de um e-mail encaminhado à Folha Online pela Globonews e assinado pela Central Globo de Informações:

*A respeito do incêndio ocorrido hoje à tarde em São Paulo, a Globo News, como um canal de notícias 24 horas, pôs no ar imagens do fogo assim que as captou. Como é normal em canais de notícias, apurou as informações simultaneamente à transmissão das imagens. A primeira informação sobre a causa do incêndio recebida pela Globo News foi a de que um avião teria se chocado com um prédio na região do Campo Belo, Zona Sul de São Paulo. Naquele momento bombeiros e Infraero ainda não tinham informação sobre o ocorrido. As equipes da própria Globo News constataram que não havia ocorrido queda de avião e desde então esclareceu que se tratava de um incêndio em um prédio comercial. Poucos minutos depois o Corpo de Bombeiros confirmou tratar-se de um incêndio em uma loja de colchões.*

Minutos mais tarde, a informação sofreu uma alteração substancial: a notícia, agora, passa a ser a “barriga<sup>11</sup>” da Globonews. O Portal Imprensa, um site especializado em mídia, divulgou, às 18h13 do dia 20 de maio de 2008, matéria<sup>12</sup> com o seguinte título: Sites copiam Globo News e noticiam falsa queda de avião

<sup>11</sup>Em jornalismo, sinônimo de notícia errada, publicada de forma equivocada, sem intenção, ainda que errada.

<sup>12</sup>Disponível em: [http://portalimprensa.uol.com.br/portal/ultimas\\_noticias/2008/05/20/imprensa19533.shtml](http://portalimprensa.uol.com.br/portal/ultimas_noticias/2008/05/20/imprensa19533.shtml) Acesso em: [6 de junho de 2008]

Nela, um texto, assinado por quatro jornalistas – Ana Luiza Moulatlet, Karina Padial, Marina Dias e Thaís Naldoni –, após realizar o levantamento do percurso que a matéria fez desde sua divulgação, concluía dizendo:

*Segundo a Central Globo de Comunicação informou ao Portal IMPRENSA, as imagens foram mostradas assim que captadas e, ao mesmo tempo, a informação era apurada. “A GloboNews, como um canal de notícias 24 horas, pôs no ar imagens do fogo assim que as captou. Como é normal em canais de notícias, apurou as informações simultaneamente à transmissão das imagens. A primeira informação sobre a causa do incêndio recebida pela GloboNews foi a de que um avião teria se chocado com um prédio na região do Campo Belo, Zona Sul de São Paulo. Naquele momento bombeiros e Infraero ainda não tinham informação sobre o ocorrido”, diz em nota.*

*Ainda de acordo com o comunicado, a própria equipe de Jornalismo da emissora apurou não se tratar da queda de um avião, mas de um incêndio. “As equipes da própria GloboNews constataram que não havia ocorrido queda de avião e desde então esclareceu que se tratava de um incêndio em um prédio comercial. Poucos minutos depois, o Corpo de Bombeiros confirmou tratar-se de um incêndio em uma loja de colchões”.*

A Central Globo de Comunicação esclarece que, ainda, que embora a Globo News tenha publicado esta primeira informação, a TV Globo não fez qualquer menção ao possível acidente aéreo.

“A TV Globo, em nenhum momento, referiu-se a acidente de avião”, finaliza a nota.

*O engano ainda permanecia em vídeo no site do canal por assinatura, ainda que a informação já estivesse desmentida. Minutos depois, foi retirado.*

*Independentemente da justificativa da emissora, fato é que os veículos de internet, na busca pelo furo - tal qual a Globonews - não tiveram o cuidado de checar a informação antes de levá-la a público. É a mídia que pauta a mídia, rendida ao erro.*

Já o Blog do Gjol divulgou notícias<sup>13</sup> de terras distantes. Em post veiculado às 21h51 do dia 20 de maio de 2008, informava, por meio de reprodução das telas iniciais de sites espanhóis e alemães, que

*Avião que Record, Globo e UOL derubaram chega à Espanha e Alemanha A notícia falsa sobre a queda do avião da Pantanal sobre uma loja de colchões em São Paulo (veja postagem anterior), divulgada hoje à tarde pela Record News, [www.estadao.com.br/cidades/GloboNews](http://www.estadao.com.br/cidades/GloboNews) e pelo <http://gjol.blogspot.com/2008/05/uol-derruba-avio-da-pantanal-em-cima-de.html> Portal da UOL, chegou à Espanha e foi publicada no <http://www.abc.es/20080520/internacional-internacional/avion-estrella-contr>*

<sup>13</sup>Disponível em: <http://gjol.blogspot.com/2008/05/avio-que-record-globo-e-uol-derrubaram.html> Acesso em: [28 de junho de 2008]



edificio\_00805202230.htmlABC  
e no site participativo  
<http://meneame.net/story/avion-pasajeros-estrella-contra-edificio-ciudad-brasilena-sao-paulo>Menéame.  
O <http://dcrs-online.com/grossbrand-von-buero-turm-in-sao-paulo-flugzeugabsturz-oder-gar-terror-200821934>DCRS Online da Alemanha chegou a falar em terrorismo. A blogosfera está fervendo de comentários sobre o caso.

### 3. A interpretação do acontecimento

Mais do que um problema envolvendo checagem ou não de informações, ainda que também o contemple em sua origem, o exemplo acima sugere que há algo diferente na forma de ser do jornalismo e que este algo está relacionado à maneira de operação do sistema jornalístico-comunicacional, com suas complexificações. Este algo pode ser observado, por exemplo, por meio da rapidez com que as informações são processadas, desenvolvidas e esgotadas, o que se torna possível devido à existência da *web* como *medium*. No caso estudado, e uma vez tendo irritado<sup>14</sup> o sistema jornalístico-comunicacional, e, na seqüência, sendo absorvido por este, o fluxo completo da infor-

<sup>14</sup>Segundo Luhmann, o ambiente não contribui para nenhuma operação do sistema, mas pode irritar o sistema quando os efeitos do ambiente aparecem no sistema como informações e podem ser processadas como tal. Irritações se dão sempre e inicialmente a partir de diferenciações e comparações com estruturas internas ao sistema. São, portanto, assim como a informação, produtos do próprio sistema.

mação se estabelece em período não superior a quatro horas – das 17 horas às 22 horas, com pico maior das 17h e 18h. Ou seja, tempo suficiente para a informação ser absorvida pelo sistema midiático, circular entre os dispositivos – afetando e sendo afetada por eles –; transforma-se em um novo acontecimento (o erro, no lugar da notícia), circular novamente até se tornar, a partir de então, memória.

Importante salientar que, a partir do momento em que é absorvida pelo sistema, em uma operação auto-referencial, a notícia deixa de lado seu entorno, representado pelo ambiente em que o evento ocorreu – a cidade de São Paulo –, e passa a estabelecer diálogos processuais cada vez mais escorados nos próprios dispositivos. Isso ocorre porque, segundo Luhmann, o ambiente não contribui para nenhuma operação do sistema, mas pode irritar o sistema quando os efeitos do ambiente aparecem no sistema como informações<sup>15</sup> e podem ser processadas como tal. A informação se torna, portanto, uma diferença que provoca diferença; no caso de um sistema social, haverá informação quando o evento for inesperado em relação ao próprio sistema (a possível queda de um avião, por exemplo).

Note-se, por outro lado, que a lógica circular interna, auto-referencial, em substituição ao esquema clássico usualmente utilizado quando da análise do fenômeno jornalístico-comunicacional – os dispositivos dialogando principalmente com seu ambiente –, desloca a produção e a oferta de sentidos para o interior da estrutura física da instância meio, que passa a operar processualmente dentro

<sup>15</sup>Informações são eventos que selecionam os estados de um sistema, provocando transformações neste.

de seus próprios contornos. Estabelece-se, com isso, uma complexificação das fronteiras clássicas entre emissor e receptor, à medida que quem até então apenas emitia também passa a receber. É o que ocorre, por exemplo, quando são os sites quem fornecem informações para os próprios sites. Ao fazê-lo, geram sentido, portanto realidade, no diálogo entre os próprios dispositivos, instante em que se mediatiza o aparato jornalístico-comunicacional.

Esta processualidade também parece afetar a própria notícia, até então entendida, entre outros, como vetor material de transformação processual das demais instâncias do processo de produção jornalística. A construção da notícia, sob este ângulo, representa um processo que se inicia pelo acontecimento social e passa necessariamente pela mediação de um dispositivo de natureza comunicacional (ALSINA, 1989), neste caso jornalístico, baseado em padrões de referência genericamente chamados de critérios de noticiabilidade. O ciclo estará completo quando ela chegar a quem o dispositivo se dirige, via de regra um agente – coletivo ou individual – localizado nos demais sistemas sociais e para além, portanto, do sistema midiático.

Contudo, ainda aqui o olhar segue centrado para o que compõe as notícias a partir do diálogo que os dispositivos estabelecem com seus agentes, não considerando as complexificações que estas sofrem em sua processualidade formativa e a maneira como são afetadas quando absorvidas pelo aparato jornalístico-comunicacional. Não observa, portanto, a formação de sentidos que se dá na intersecção do diálogo que se estabelece entre os dispositivos e o que ocorre quanto afeta e é afetada por este momento. A ob-

servação sugere que desviemos o foco da atenção do papel representado pelos agentes, sem no entanto desconsiderá-lo, e nos concentrarmos principalmente no fluxo da informação.

Uma estratégia possível, como sugere Ferreira (2008), é pensarmos um conceito de notícia a partir do conceito de mediatização. Ou seja, a partir de relações e intersecções entre dispositivos, processos sociais e processos de comunicação. Equivale a dizer que devemos considerar, neste percurso, o fluxo em si, mas também as lógicas dos campos sociais que a informação atravessa, interferindo e sendo interferido por estes. “Esta observação nos leva à idéia de que a notícia é o acontecimento. Desse acontecimento em si nascem os outros dois enquanto notícia: aquele do qual ela se cria, e os por ela criados” (FERREIRA, 2008: 57)

#### 4. Referências Bibliográficas

- ALSINA, Miguel. (1989), *La construcción de la noticia*. Barcelona: Paidós.
- DEBRAY, Régis. (1995) *Manifestos midiáticos*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- CASTELLS, Manuel. (2003) *A sociedade em rede*. São Paulo, Paz e Terra. (A Era da Informação: economia, sociedade e cultura, 1)
- GIDDENS, Antony. (2002) *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

- GIDDENS, Antony. (2000), *Conversas com Antony Giddens*. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- GOMES, Pedro Gilberto. (2006), *Filosofia e ética da comunicação na midiatização da sociedade*. São Leopoldo: Unisinos.
- HAESBAERT, Rogério. (2004) *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- FAUSTO NETO, Antônio. (2006), ENCONTRO DA REDE PROSUL: Seminário Sobre Midiatização, Unisinos, São Leopoldo. *Midiatização, prática social - prática de sentido*.
- FAUSTO NETO, Antônio. (2006), *Mutações nos discursos jornalísticos: da ‘construção da realidade’ à ‘realidade da construção’*. In: Edição em jornalismo: ensino, teoria e prática. Santa Cruz do Sul: Edunisc.
- FERREIRA, Jairo. (2008), *Um caso sobre a midiatização: caminhos, contágios e armações da notícia*. In: Fausto, Antônio; Gomes, Pedro; Braga, José Luiz; Ferreira, Jairo (orgs.) *Midiatização e processos sociais na América Latina*. 1ª ed. São Paulo: Paulus.
- FERREIRA, Jairo. (2003), *O conceito de dispositivo: explorando dimensões de análise*. Ecos Revista. Pelotas: Universidade católica de Pelotas – Educat, v. 7, n. 2, jul. – dez.
- LUHMANN, Niklas. (2005), *Confianza*. México: Anthropos.
- LUHMANN, Niklas. (2005-b), *Poder*. México: Anthropos.
- LUHMANN, Niklas. (2005-C), *A realidade dos meios de comunicação*. São Paulo: Paulus.
- LUHMANN, Niklas. (1997), *A nova teoria dos sistemas*. Porto Alegre: Ufrgs, 1997.
- LUHMANN, Niklas. (1997), *O conceito de sociedade*. In: BAETA NEVES, Clarissa Eckert; BARBOSA SAMIOS, Eva Machado (orgs.) **Niklas Luhmann: a nova Teoria dos Sistemas**. Porto Alegre: Ed. Universidade.
- MAZLISH, Bruce. (1995), *La cuarta discontinuidad : la coevolución de hombres y máquinas*. Madrid: Alianza.
- MARCONDES FILHO, Ciro. (2000), *A saga dos cães perdidos*. São Paulo: Hacker, 2000.
- MARCONDES FILHO, Ciro. (2004), *O escavador de silêncios: Formas de construir e de desconstruir sentidos na Comunicação*. São Paulo: Paulus.
- PAVILIK, John. (2005), V. *El periodismo y los nuevos medios de comunicación*. Barlenola: Paidós.